
ENSINO A DISTÂNCIA, AVALIAÇÃO ONLINE E CURSOS SUPERIORES DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES: DESAFIOS E PROPOSTAS

David Mesquiati de Oliveira¹

Resumo: O presente artigo versa sobre a aplicação da avaliação na modalidade de Ensino a Distância (EAD) em cursos a distância. O objetivo é apresentar as técnicas e formas de avaliação online (virtual) mais adequadas para o EAD, considerando diversos aspectos, modelos e ferramentas. No Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), o estudante é também produtor e desenvolvedor de conteúdo. Qual o papel da avaliação online nesse processo? Que tecnologias educacionais potencializam a função formativa e mediadora da avaliação? De que maneira os cursos de graduação em EAD poderiam incorporar melhor essas avaliações, superando os modelos pragmáticos-instrucionais? Pensada dessa forma, a avaliação contribui para subsidiar um processo de qualidade na EAD, uma vez que somente as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) não são garantia de aprendizagem e formação das pessoas envolvidas, especialmente nos cursos de Teologia e Ciências das Religiões. Na primeira seção analisa-se a problemática atual sobre a avaliação do ensino-aprendizagem. Na segunda, analisam-se as principais contribuições teóricas sobre o EAD e sobre a avaliação formativa. Na última, uma análise das técnicas e formas de avaliação para melhoria do EAD de forma propositiva.

Palavras-chave: Avaliação formativa; Acompanhamento contínuo; Ensino-aprendizagem online.

Resumen: El presente paper debate la aplicación de la evaluación en la modalidad de Enseñanza a Distancia (EAD) en cursos a distancia. El objetivo es presentar las técnicas y formas de evaluación en línea (virtual) más adecuadas para la EAD, considerando diversos aspectos, modelos y herramientas. En el Ambiente Virtual de Aprendizaje (AVA), el estudiante es también productor y desarrollador de contenido. ¿Cuál el papel de la evaluación en línea en este proceso? ¿Qué tecnologías educacionales potencializan la función formativa y mediadora de la evaluación? ¿De qué manera los cursos de licenciatura en EAD podrán incorporar mejor esas evaluaciones, superando los modelos pragmáticos-instruccionales? Pensada de esa manera, la evaluación contribuye para subsidiar un proceso de calidad en la EAD, una vez que solamente las Tecnologías de la Información y Comunicación (TIC's) no son garantías de aprendizaje y formación de los estudiantes, especialmente en las carreras de Teología y Ciencias de las Religiones. En la primera sección analiza la problemática actual sobre la evaluación de la enseñanza-aprendizaje. En la segunda, analiza las principales contribuciones teóricas sobre el EAD y sobre la evaluación formativa. En la última, un análisis de las técnicas y formas de evaluación para mejora del EAD de forma propositiva.

¹ Doutor em teologia (PUC-Rio) e especialista em educação (Claretiano). Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória (UNIDA) e coordenador do Ensino a Distância na mesma instituição. E-mail: david@faculdadeunida.com.br.

Palabras-clave: Evaluación formativa; Acompañamiento continuo; Enseñanza-aprendizaje en línea.

INTRODUÇÃO

O presente artigo versa sobre um dos mais recentes interesses da sociedade na era digital: como avaliar o ensino-aprendizagem na modalidade de Ensino a Distância (EAD). Essa sociedade “aprendente”, no dizer de Hugo Asmann (1998), tem, à disposição, muita informação e conhecimento de forma simultânea e em grande quantidade. A dificuldade está em refletir sobre esses dados e na aferição do avanço formativo das pessoas. O objetivo deste artigo é apresentar algumas técnicas e formas de avaliação online (virtual) mais adequadas para o EAD em cursos de Teologia e Ciências das Religiões, considerando diversos aspectos, modelos e ferramentas. No Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), o estudante é também produtor e desenvolvedor de conteúdo. Qual o papel da avaliação online nesse processo? Que tecnologias educacionais potencializam a função formativa e mediadora da avaliação? De que maneira os cursos de graduação em EAD poderiam incorporar melhor essas avaliações, superando os modelos pragmático-instrucionais?

Na primeira seção do artigo, analisaremos a problemática atual da avaliação do ensino-aprendizagem, dando ênfase à EAD. Na segunda, levantaremos as principais contribuições teóricas sobre o EAD e sobre a avaliação formativa. Na última seção, faremos uma análise das técnicas e formas de avaliação, com o propósito de levantar parâmetros para comparar e avaliar os modelos de avaliação online mais utilizados e fazer sugestões de instrumentos avaliativos para o EAD.

A AVALIAÇÃO EM EAD

Esta primeira seção do artigo apresenta e descreve nosso objeto de estudo: a avaliação. Inicia apontando as principais características da avaliação, sua evolução histórica e participação na educação. No segundo momento, especifica melhor as nuances da EAD, ao refletir sobre as mudanças e possibilidades a partir das novas tecnologias. E finaliza considerando as principais implicações para a avaliação em um ambiente virtual (online).

A AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Começou a intensificar-se no Brasil o ensino superior na modalidade EAD. No entanto, muitos dos atuais cursos a distância ainda não oferecem recursos apropriados para um ensino-aprendizagem a partir da interação do aluno como sujeito do aprendizado. Persiste uma lógica instrucionista, de adaptação do presencial para o virtual, reproduzindo os limites daquela formação. Nossa perspectiva de estudo será o sistema de avaliação dos cursos superiores em EAD em Teologia e Ciências das Religiões, sejam os chamados cursos livres ou os cursos reconhecidos pelo sistema oficial de ensino (MEC). Entendemos que é necessário sistematizar os parâmetros para a avaliação das disciplinas online, evidenciando a função formativa e mediadora da avaliação.

A avaliação é uma “componente indissociável do ciclo constituído pelo ensino e pela aprendizagem”, afirma Domingos Fernandes, e continua: “constitui um elemento essencial de desenvolvimento dos sistemas educativos” (FERNANDES, 2004, p. 2). No entanto, coexistiram na história posicionamentos diferentes, ou como se expressou Pedro Demo, chega a ser “intrigante”: “de um lado, procura-se estigmatizar a avaliação, a ponto de se pretender descartar, pura e simplesmente; de outro, ao se fazer avaliação, faz-se tendencialmente a pior possível, utilizando a prova como único instrumento do processo avaliativo” (DEMO, 2005, p. 6). Ao longo dos anos, a avaliação foi ideologizada e, em muitos casos, transformou-se em um instrumento de poder, de controle, de seleção social e de discriminação. Como identificar essas amarras que persistem nos distintos sistemas educativos, com maior ou menor intensidade? Esse tópico aponta, de forma sucinta, os principais paradigmas da avaliação e sua evolução.

Utilizando os parâmetros da ampla pesquisa de Guba & Lincoln (1989), que analisaram a avaliação em um período de cem anos (1890-1990), e a “leitura” de Domingos Fernandes dessa proposta, consideramos as quatro gerações ou paradigmas da avaliação. O primeiro paradigma é o da Avaliação como Medida. Foi marcado pelos testes de inteligência, inspirados nas experiências de Alfred Binet, na França. A euforia com o método científico na matemática e nas ciências experimentais teve sua aplicação nas Ciências Sociais por meio,

especialmente, dos trabalhos de Stuart Mill. Outra influência veio de Fredrick Taylor, com sua teoria de sistematização, standartização e eficiência. Sob influência do taylorismo, o sistema educativo foi equiparado ao empresarial. Em termos de sala de aula, a avaliação reduziu-se a função somativa, classificatória, seletiva, descontextualizada, padronizada (médias), com pouca participação dos alunos no processo. Por fim, o objeto da avaliação no primeiro paradigma concentra-se, sobretudo, nos conhecimentos adquiridos pelos alunos.

O segundo paradigma tenta avançar em termos de alcance em relação ao primeiro. Temos a Avaliação como Descrição. Além de medir, buscou-se descrever até que ponto os alunos atingem os objetivos definidos. Centrado nos comportamentos, descreve pontos fortes e pontos fracos. Essa evolução deveu-se a influência de um pesquisador e avaliador norte-americano, Ralph Tyler. Ele propôs, pela primeira vez, a necessidade de se formularem objetivos, ajudando na definição do que se estava para avaliar. Por isso é considerado o “pai da avaliação educacional” (FERNANDES, 2004, p. 11). Aqui, a avaliação adquire a função de reguladora, mas persistem as outras características do paradigma anterior, mantendo-se tecnicista e à base de testes.

No terceiro paradigma, Avaliação como Juízo de Valor, os avaliadores acumulam também a função de “juizes”. Formulam juízos de valor acerca do objeto de avaliação. A partir da década de sessenta, todas as abordagens de avaliação assumem esse paradigma. Deveria envolver professores, alunos, pais e outros atores. É mais abrangente, sistêmica, complexa e sofisticada. No entanto, ainda persistem os traços positivistas, da avaliação psicométrica.

O quarto paradigma é a Avaliação como Negociação e como Construção. É uma ruptura com os paradigmas anteriores. Sua marca principal é ser construtivista, a partir de um processo negociado e interativo. A avaliação passa a ser integrada no processo de ensino e aprendizagem. A função formativa ganha proeminência e corrobora para melhorar, desenvolver, aprender e motivar o aluno. Serve mais para ajudar na aprendizagem que para julgar ou classificar. Nesse modelo de educação alternativa, o feedback é indispensável.

Essa evolução deveu-se, em grande medida, às mudanças dos contextos históricos e sociais. Foram condicionadas pelas profundas transformações culturais do último século, pelas ditaduras, pelos alcances da democracia, pela revolução tecnológica, entre outros. As

inovações tecnológicas, por exemplo, continuam a pressionar velhos paradigmas da educação. Sobre a influência da tecnologia na educação, refletiremos no próximo tópico.

AS TIC'S E AS TRANSFORMAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

O advento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's) trouxeram profundas transformações culturais. O processo educacional não poderia estar imune a essas alterações. Alguns autores chegam a identificar nosso tempo como “cibercultura” (LÉVY, 1999).

A formação de ciberespaços (Lévy, 1999) propicia a virtualização da comunicação. É a cultura contemporânea que se estrutura pelo uso das tecnologias digitais em rede. O uso das tecnologias favorece a ideia de redes de conhecimento. Propicia também aprendizagens colaborativas em conexão com diferentes mídias, ampliando, consideravelmente, o “espaço/tempo” educativo, mais amplo que os limitados e recentes espaços educativos na história, como a escola e a universidade.

A interação nas esferas do ciberespaço e das cidades como autênticas redes educativas é um aporte interessante da cibercultura. O docente interage e aprende com seus estudantes, outros professores, gestores, comunidade escolar e com a sociedade mais ampla. As mídias e as redes educativas multirreferenciais jogam um papel transformador (SANTOS, 2011).

Destacaria especialmente dois temas envolvendo a educação: 1) o que de fato muda com a cibercultura e 2) o que deveria mudar com a cibercultura. Sobre o primeiro, podemos considerar que a história da EAD no Brasil passou por diferentes fases ou gerações (BARROS, 1994; GIUSTA & FRANCO, 2002). A primeira geração da EAD começou na década de 1940 e estava pautada no material impresso e, em alguns casos, no uso do rádio. A segunda geração foi marcada pela chegada das fitas e videocassete. Mais tarde, foram substituídos pelo CD e DVD, e complementados pelo rádio e material impresso. A terceira geração da EAD é a que estamos vivendo. Marcada pela Internet, permite pensar desenhos didáticos mais interativos e síncronos. Com o desenvolvimento da chamada Web 2.0, foi

possível introduzir novos conceitos, como o de “coautoria”, por exemplo. A internet possibilitou a arquitetura intertextual, hipermidiática e dialógica. Permite ainda um novo modo de pensar o mundo e de conceber as relações com o conhecimento, como a simulação (games e ambientes imersivos). E aqui entra o segundo aspecto.

Têm-se recursos e tecnologia à disposição e caminhamos para uma nova maneira de pensar: mas, o que mudou de fato? A cibercultura demanda novos modos de organização da educação. As três abordagens definidas por José Valente mostram quanto a existência de novos recursos pode ser ignorada, se mantivermos abordagens em tom positivista, clássica e conservadora da EAD. Coexistem essas três abordagens na EAD: 1) abordagem broadcast, em que o professor transmite a informação, de matriz instrucionista; 2) “virtualização da sala de aula presencial”, em que o professor transfere para o espaço virtual a mesma dinâmica da aula presencial; e 3) a abordagem “estar junto virtual”, que é dinâmico-comunicacional, em que o professor faz a mediação junto ao aluno, em uma matriz construtivista (VALENTE, 2013).

Com o alto desenvolvimento tecnológico, as preocupações dos gestores e envolvidos no EAD se concentram no uso da internet e em suas possibilidades. É preciso chamar a atenção, no entanto, para o desenvolvimento das competências dos alunos, e para o nível das interações desse processo. Em EAD, a avaliação não é pontual e isolada, mas é, antes, um processo dinâmico (ZANELATO, 2009).

Requer-se vontade política para que se alcance qualidade educacional com as possibilidades da cibercultura. Dos estudantes e dos professores, igualmente se requer uma racionalidade mais dialógica para substituir a pragmática-prescritiva. O usuário é também produtor e desenvolvedor de conteúdo nos espaços de interação. Essa é uma das grandes contribuições da cibercultura ao processo de ensino-aprendizagem: promover um contexto coautorial e criativo.

RISCOS E OPORTUNIDADES PARA A AVALIAÇÃO ONLINE

Considerando a cibercultura e a história recente das mudanças no processo de ensino-aprendizagem, podemos destacar alguns riscos e oportunidades para a avaliação online.

Primeiro, começamos com os riscos, que apontam para a psicometricidade da avaliação. Depois, com as oportunidades dos ambientes virtuais na era cibernética.

A avaliação online pode converter-se em mero seriado de testes automatizados. Persistindo a matriz instrucionista e tecnicista, as avaliações podem reduzir-se a “provas”, com o fim de obter “notas” para aprovação. É o autoritarismo do passado disfarçado com roupagens de última geração. O desafio será romper com a assimetria na relação professor-aluno, instituição-pessoas. E não só, pois também se requer que se criem instrumentos adequados de avaliação, bem como melhorias na metodologia das aulas. Apesar do avanço tecnológico, ainda temos muitas limitações técnicas e teóricas para se programarem avaliações online de qualidade.

Um segundo grande risco, atrelado ao primeiro, é que a educação está, de alguma forma, cooptada pela lógica do mercado. Assim, as propostas de EAD vêm somar aos anseios das grandes corporações econômicas de aumentar clientes/faturamento, sem a devida equiparação no aumento de qualidade do ensino-aprendizagem. A avaliação reduzida aos “testes online” asseguram redução de custos na contratação de professores-tutores. Quanto mais automatizado (provas objetivas de autocorreção), mais clientes simultaneamente poderão adquirir os serviços educacionais. Nessa mercadologização, instrumentalizam-se não só a avaliação, mas também a figura do professor, o papel da educação, etc. Não há espaço para a construção do saber para a vida, apenas para receber e reproduzir conhecimentos.

A aprendizagem é um processo em que o indivíduo adquire certos conhecimentos, aptidões, habilidades, atitudes e comportamentos. Pressupõe interação com o meio. O ser humano é mais que “saber”; sua racionalidade precisa ser tratada na integralidade. Por isso, não podemos limitar a aprendizagem somente a conhecimentos e deixar de contribuir em tantos outros aspectos. Aprender pressupõe interação (agente de conteúdo) com os demais e com o meio ambiental. Nossas avaliações precisam ampliar-se e contemplar a inter-relação com o meio, tornar-se mais significativas e mais práticas. Aqui estariam escondidas as oportunidades. As TIC’s jogariam um papel coadjuvante, auxiliando na formação de uma estrutura que propicia a expansão da criatividade, da imaginação, da memória e dos sentidos.

A avaliação deve ser um processo permanente na vida do ser humano. Desde criança deve aprender a valorar tudo aquilo que se faz e se deixa de fazer para adquirir o sentido da responsabilidade de seus atos (GUTIERREZ, 2003, p. 102). A avaliação educativa é uma

atividade complexa, mas igualmente, necessária e essencial na prática docente. Ela aponta para a totalidade, como indicava Paulo Freire (1994, p. 110).

A avaliação em EAD combina uma variedade de instrumentos que possibilitam contemplar aspectos quantitativos e qualitativos. As tarefas durante o curso incluem exercícios práticos, estudos de caso, comentários de textos, exegese de textos sagrados, autoavaliação e provas escritas que poderão ser respostas abertas, fechadas, mistas, etc. A avaliação pode contemplar também a participação em chats, fóruns e outras ferramentas síncronas ou assíncronas. Todo esse percurso do aprendente tem o acompanhamento constante do professor-tutor. De acordo com determinação legal, a avaliação do rendimento do aluno para fins de promoção, certificação ou diplomação precisa ser realizada por meio de provas presenciais, que não são o foco deste artigo. A avaliação online é decisiva para a formação do estudante, e, a nosso ver, tem sido negligenciada ou, minimamente, não tem sido explorada no alcance que permite.

Assim, as maiores oportunidades para uma avaliação online de qualidade não estão nas TIC's (apesar de serem importantes), mas na mudança de mentalidade em relação à educação, especialmente em relação à avaliação. Mudar de uma lógica instrumental, pragmática e prescritiva para uma racionalidade mais dialógica (PESCE, 2011). O papel do avaliador é estimular a motivação do estudante para participar conjuntamente na sua formação (sujeito). O ser humano lê e interpreta a realidade, seu mundo. Com essa ação, ele não “recebe” um mundo, ele “cria” ativamente esse mundo. E mais importante, um mundo em constante transformação. Na próxima seção, analisaremos alguns fundamentos teóricos que embasariam uma avaliação formativa de qualidade em EAD.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA A AVALIAÇÃO EM EAD

Esta seção foi dividida em dois tópicos. No primeiro, defendemos a modalidade EAD como um modo da educação no presente, e não só para o futuro. No último, definimos os conceitos que melhor encaminham essa prática.

A EAD COMO MODO DE EDUCAÇÃO DO PRESENTE-FUTURO

A modalidade de Ensino a Distância (EAD) tem uma história de erros, êxitos e fracassos (LÍVIO, 2010). Contudo, segue crescendo em quantidade e qualidade, tanto no Brasil como no mundo. Entre as razões, podemos destacar: “De um lado, estão milhares de jovens e adultos que enfrentam problemas criados pelo tempo ou pelas distâncias para completar sua formação escolar. De outro, a necessidade de educação continuada para os profissionais que já estão no mercado de trabalho, que aumenta a cada dia” (LÍVIO, 2010, p. 19).

Essa realidade força novas alternativas. A EAD é uma delas. Na verdade, é o novo modo de ser da educação, que tende a convergir cada vez mais a Educação Convencional com a Educação Virtual (online). Temos, então, uma nova visão de “escola” e de modalidades, ampliando os espaços educativos e o tempo de aprendizagem. Ao contrário do senso comum, que espera que o curso a distância seja fácil ou de baixa qualidade de ensino, “a educação a distância exige do aluno maior dedicação, já que, na EAD, ele passa a ser o sujeito de sua própria aprendizagem. Ele deve saber gerenciar bem seu tempo, ter disciplina e convicção do que quer e do que precisa aprender” (LÍVIO, 2010, p. 20).

Dos professores, exige a passagem da visão expositiva, catedrática, para uma prática docente dialógica e interativa. Para uma docência e tutoria relevante no sistema EAD, é necessário recuperar alguns elementos fundantes. Souza, Sartori & Roeler (2008), fizeram esse levantamento. O primeiro elemento é que o docente e o tutor são mediadores do processo de ensino e aprendizagem. O segundo, decorrente deste, é que os alunos são ativos no processo, criando uma rede de interações. O terceiro é que essas relações envolvem seres humanos e questões pessoais precisam ser consideradas. Sem afetividade, o processo de ensino e aprendizagem fica reduzido à mecanização, fria e contabilista. Docentes, tutores e alunos precisam estar motivados para o processo. Um das necessidades do sistema EAD seria a de criar uma rede de interconexão, tecida em vínculos que sustentem os contatos entre as pessoas.

Gómez (1997) afirma que as situações com as quais o educador se depara são únicas, não existindo um caso-problema para cada conhecimento profissional. Isso significa que não

podem ser resumidas à mera aplicação de regras e procedimentos já consagrados. É um espaço aberto a novas tentativas e adaptações. As novas ferramentas tecnológicas proporcionam uma interação que não foi possível em outro momento. Essa flexibilidade e incentivo à inovação e à adoção de novas práticas faz do EAD uma das formas de ensino-aprendizagem mais importantes no cenário mundial. Para isso são necessários investimentos em inovação tecnológica, infraestrutura, equipamentos e pessoas dispostas a aprender e a ensinar. Sem a vontade e o desejo, perde-se em cientificismo e transmissão de conhecimento.

A AVALIAÇÃO FORMATIVA, QUALITATIVA E MEDIADORA EM EAD

O sistema avaliativo é composto pela a) avaliação da aprendizagem e b) avaliação institucional. Esta última diz respeito à avaliação do material didático mediacional, à avaliação do sistema de tutoria/orientação acadêmica e à avaliação da modalidade (EAD). Não trataremos essas questões neste artigo. Concentrar-nos-emos na avaliação da aprendizagem.

Quanto à estrutura conceitual da avaliação, precisamos considerar vários aspectos (ver figura 1). Esses elementos, no entanto, devem ser considerados a partir da perspectiva de que a avaliação é um processo dinâmico. Ela acontece ao longo do processo ensino-aprendizagem. Popham (1977, p.13) já cobrava mais precisão conceitual dos educadores. Nesse sentido, vamos dedicar um espaço para definir melhor a avaliação e as relações que ela exige.



Fig. 1: Estrutura conceitual da avaliação (Adaptado de Zanelato, 2009)

Vasconcellos (1994, p. 43) define a avaliação como “um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos”. É um processo centrado no aluno no intuito de prepará-lo para a vida. Por meio da avaliação, o aluno tem uma nova chance para aprender. Para Saul (1988, p. 61), a avaliação é emancipatória. A partir da crítica de uma realidade dada, visa transformá-la. Para Álvarez Méndez (2002, p. 80), “é preciso avaliar sempre, como rotina escolar, para cuidar da aprendizagem [...] Acima de tudo está o direito de aprender”. É uma preocupação com a “forma como o aluno aprende, sem descuidar da qualidade do que aprende” (p. 19). Para Perrenoud (1999, p. 13), a avaliação não é um fim em si, mas é uma “engrenagem no funcionamento didático”. Sua proposta alternativa para a superação da avaliação hierarquizada e classificatória é a Avaliação Formativa.

De acordo com Perrenoud: “Proponho considerar como ‘formativa’ toda prática de avaliação contínua que pretenda contribuir para melhorar as aprendizagens em curso,

qualquer que seja o quadro e qualquer que seja a extensão concreta da diferenciação do ensino.” (PERRENOUD, 1999, p. 78). É a preocupação em coletar e trabalhar dados para aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem. Zanelatto afirma que esse tipo de avaliação é a que mais se adapta ao ensino a distância (2009, p. 4). E continua:

No escopo da avaliação em EAD, com base em experiências analisadas, a avaliação formativa tem apresentado maior eficácia nas dificuldades existentes em um ambiente a distância. Esse tipo de avaliação é capaz de analisar todo o processo de aprendizagem, contribuindo para a percepção do perfil de cada aluno, identificando os problemas, e redefinindo as estratégias de ensino-aprendizagem. Entretanto, a literatura especializada menciona que ainda são necessárias propostas de avaliação que possam garantir uma avaliação integral (ZANELATO, 2009, p. 8).

A noção de avaliação como formativa é central para o EAD. É o acompanhamento e regulação (feedback) contínuo do processo de aprendizagem. Ela possui função informativa e reguladora tanto para o professor quanto para o aprendiz (HADJI, 2001). No entanto, outros dois tipos de avaliação auxiliam no processo educativo online. São eles: Avaliação Diagnóstica e Avaliação Somativa. A diagnóstica visa detectar dificuldades dos aprendizes, permitindo ajuste do programa de estudos. A somativa faz um balanço das aquisições, de acordo com níveis de aproveitamento estabelecidos (BLOOM, 1971). A figura 2 apresenta a ordem dos tipos de avaliação.



Fig. 2: Momentos da avaliação (Adaptado de Arredondo, 2002 apud Formiga e Litto, 2009).

A avaliação da aprendizagem, então, deve ser diagnóstica, contínua e somativa. Para cumprir seu papel, precisa verificar as interações, contribuições, dúvidas, reflexões, soluções e problemas levantados pelos alunos. Por isso, é importante que privilegie trabalhos escritos

que possibilitem sínteses dos conhecimentos estudados e adquiridos, pesquisa de campo, argumentação, etc. bem como a inserção na comunidade, com atividades em grupo ou em parceria.

Os critérios gerais para a avaliação são os seguintes (ARETIO, 1996, p. 386): 1) compreensão do tema estudado; 2) domínio da terminologia e dos conceitos; 3) justificativa do que afirma ou nega; 4) organização das informações (conhecimentos estudados); 5) demonstração de originalidade e criatividade na resposta; 6) elaboração pessoal, crítica e fundamentada com base nos conhecimentos estudados/aprendidos; e 7) riqueza e pertinência das ideias. De acordo com a atividade, outros critérios mais específicos devem ser acrescentados, devendo estar claros na proposta de avaliação.

Existem algumas ferramentas e recursos que possibilitam a interação e a colaboração entre os docentes e os discentes, permitindo uma avaliação no modelo proposto até aqui. Alguns exemplos são: o chat, os e-mails, as conferências, os fóruns de discussão, etc. Segundo Primo (2004, p. 20), apesar de essas ferramentas e recursos existirem em um ambiente de EAD, os docentes ainda enfrentam muitas dificuldades, entre elas: dificuldades em avaliar aspectos qualitativos, falta de elementos que os ajudem a verificar os resultados quanto à aquisição de competências de cada aluno, ausência de parâmetros que auxiliem o docente a estabelecer estratégias adequadas para o desenvolvimento de cada aluno, resultados de desenvolvimento dos discentes não satisfatórios, pois não são levadas em consideração as características individuais de cada aluno.

A revolução criada pela EAD no processo de avaliação cria um novo paradigma, no qual a avaliação quantitativa já não satisfaz mais as metodologias, sendo necessário o uso da avaliação qualitativa e formativa. A preocupação do docente é orientar o processo de aprendizagem, monitorando o desempenho acadêmico de cada discente, acompanhado por um feedback contínuo (ZANELATO, 2009, p. 3).

ANÁLISE DE TÉCNICAS E FORMAS DE AVALIAÇÃO EM EAD

Chegamos à última seção deste artigo. Aqui analisamos alguns instrumentos avaliativos que potencializam a EAD. No primeiro tópico faremos menção de uma proposta de métrica para encurtar distâncias/tempo no EAD e, no segundo, como desenvolver instrumentos avaliadores e formativos no EAD, processo que denominamos de “avaliação mediadora online”.

MÉTRICA AVALIADORA DE DISTÂNCIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Romero Tori (2013) defende uma convergência entre Educação a Distância e Educação Convencional. A mescla dos pontos positivos das duas modalidades levou ao conceito de Educação Virtual Interativa (EVI). A proposta de Tori foi a de criar uma métrica capaz de avaliar e comparar os cursos de EVI, em termos de distância na educação. Nesse sentido, um bom curso seria aquele que fosse capaz de diminuir as distâncias, proporcionando mais interação e formação conjunta e participativa.

Ele identificou dois sentidos-tipos de distâncias: 1) tipos de distância (espacial, temporal e interativa) e 2) tipos de relação (aluno-Professor, aluno-Aluno, aluno-Material – PAM). Os cursos em EVI são caracterizados por mesclarem atividades remotas e locais, e fazem isso usando qualquer metodologia ou tecnologia. Trata-se de atingir os objetivos de aprendizagem com qualidade por meio de um misto de atividades locais e virtuais, minimizando a distância global percebida pelos aprendizes.

Romero Tori sugere as melhores combinações das métricas indicando atividades de aprendizagem e seus respectivos valores e peso. Com valores de distâncias variando entre 0 (zero) e 7 (sete), sendo 0 (zero) o “ideal”, temos um parâmetro para preparar as atividades e o processo avaliativo. Veja a tabela 1:

Possíveis combinações de Distâncias			
Interativa Peso 4	Temporal Peso 2	Espacial Peso 1	Métrica Associada
1	1	1	7
1	1	0	6
1	0	1	5
1	0	0	4
0	1	1	3
0	1	0	2
0	0	1	1
0	0	0	0

Tab. 1: Combinações de distâncias – 1 indica ocorrência daquele tipo de distância (Tori, 2013)

Tori apresenta algumas métricas e exemplos de possíveis atividades de aprendizagem que corresponderiam a tais métricas. Veja as tabelas 2, 3 e 4:

Distância aluno-Professor (P)				
Interativa	Temporal	Espacial	Valor	Exemplo
1	1	1	P (1,1,1)=7	Curso por correspondência
1	1	0	P (1,1,0)=6	
1	0	1	P (1,0,1)=5	telecurso (broadcasting)
1	0	0	P (1,0,0)=4	conferência
0	1	1	P (0,1,1)=3	correspondência com tutoria
0	1	0	P (0,1,0)=2	
0	0	1	P (0,0,1)=1	videoconferência
0	0	0	P (0,0,0)=0	aula convencional - turma pequena

Tab. 2: Exemplos de distâncias quanto à relação aluno-Professor

Distância aluno-Aluno (A)				
Interativa	Temporal	Espacial	Valor	Exemplo
1	1	1	P (1,1,1)=7	curso individual
1	1	0	P (1,1,0)=6	laboratório de uso livre
1	0	1	P (1,0,1)=5	teleconferência
1	0	0	P (1,0,0)=4	conferência
0	1	1	P (0,1,1)=3	fórum na internet
0	1	0	P (0,1,0)=2	lab. livre c/ comunicação entre alunos
0	0	1	P (0,0,1)=1	chat na internet
0	0	0	P (0,0,0)=0	dinâmica local de grupo

Tab. 3: Exemplos de distâncias quanto à relação aluno-Aluno

Distância aluno-Material (M)				
Interativa	Temporal	Espacial	Valor	Exemplo
1	1	1	$P(1,1,1)=7$	monitoração remota assíncrona
1	1	0	$P(1,1,0)=6$	apostila, livro, vídeo
1	0	1	$P(1,0,1)=5$	monitoração remota em tempo real
1	0	0	$P(1,0,0)=4$	experiência de lab. expositiva e ao vivo
0	1	1	$P(0,1,1)=3$	mon. remota c/ controle do experimento
0	1	0	$P(0,1,0)=2$	simuladores, material hipermediático
0	0	1	$P(0,0,1)=1$	monitoração e controle remoto tempo real
0	0	0	$P(0,0,0)=0$	experiência de laboratório ao vivo

Tab. 4: Exemplos de distâncias quanto à relação aluno-Material

As melhores combinações são frutos de métricas mais próximas de zero. Para “encurtar” as distâncias, os programas em EAD devem investir em atividades e avaliações que utilizem o PAM da forma mais eficaz. Que nossas atividades de aprendizagem efetivamente melhorem a sensação de distância percebida pelo aprendiz e encurtem-na cada vez mais, independente se é Educação a Distância ou Convencional.

AVALIAÇÃO MEDIADORA ONLINE

Uma avaliação mediadora online pode ser descrita sucintamente em termos de seus objetivos, sentido, características e instrumentos pedagógicos (ZACHARIAS, 2013). Quanto aos objetivos, busca contribuir para o desenvolvimento das capacidades dos alunos por meio da interação, convertendo o aluno em sujeito do seu aprendizado significativo, aplicável em diversos contextos e que se atualizam quanto for preciso, retroalimentando o processo de aprendizagem. Com isso, melhora a aprendizagem e a qualidade do ensino.

Quanto ao sentido, busca compreender melhor o aluno (seus limites, seu estilo de aprendizagem, seus interesses, suas técnicas de trabalho), acompanhar a evolução do aluno e fazer as adaptações necessárias para o aprendizado dos alunos. Busca-se uma avaliação integral do aluno.

Quanto às características, destacam-se: 1) a avaliação deve ser contínua e integrada à prática docente, sem depender da rotina artificial das situações de prova/teste; 2) a avaliação precisa ser integral, no sentido de considerar as várias áreas de capacidades do

Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha

aluno (cognitiva, motora, relações interpessoais, atuação, etc.); e 3) avaliação formativa, concebida como um meio pedagógico para ajudar o aluno em seu processo educativo.

Quanto aos instrumentos, privilegia aqueles que “encurtam” as distâncias e que exigem maior reflexão do aluno, seja individual ou colaborativamente. Utilizando as distâncias PAM (TORI, 2013), incentivar interações online aluno-Professor com videoconferências e maior afetividade na correspondência e interação com o professor-tutor. No tipo aluno-Aluno, fomentar as ferramentas síncronas (como chat, por exemplo) e os fóruns virtuais com questões dirigidas. Quando dos encontros presenciais, lançar mão das dinâmicas de grupo e atividades colaborativas. No tipo aluno-Material, trabalhar com hipertextos, investir em simuladores e incentivar trabalhos de campo.

O processo avaliativo precisa incentivar, também, a 1) confecção de portfólios, 2) síntese da aprendizagem e 3) atividades supervisionadas. O “portfólio” é o conjunto de atividades realizadas pelos alunos durante a disciplina/curso. Começa com atividades individuais e finaliza com as de grupo, concluindo com um portfólio colaborativo – além do portfólio pessoal que o aluno deve ter para seu crescimento pessoal. Pode ser feito impresso, e também online (e-portfólio).

A “síntese de aprendizagem” é outro instrumento muito eficaz na aprendizagem. É a síntese do que foi aprendido. É importante que seja elaborado em dupla para captar outras perspectivas. Precisa ser delimitado em número mínimo e máximo de páginas. Pode finalizar com uma síntese colaborativa.

Um terceiro instrumento de avaliação formativa mediadora são as “atividades supervisionadas”. O professor-tutor ou o monitor acompanham e orientam o aluno em suas dúvidas sobre leituras, por exemplo, devendo ter feedback específico, inclusive sobre os métodos utilizados pelos alunos (CORTELAZZO, 2013).

Um sistema avaliativo mediador online integra a avaliação dos alunos à avaliação institucional (tutores, infraestrutura, tecnologia, material didático, metodologia, etc.). Com isso, melhoramos não só o aprendizado dos alunos, mas também melhoramos o currículo, os professores, os materiais didáticos e todo o processo educativo. Marco Silva (2006) afirma:

A avaliação da aprendizagem na sala de aula online requer rupturas com o modelo tradicional de avaliação historicamente cristalizado na sala de aula presencial. Se o professor não quiser subutilizar as potencialidades próprias do digital online, ou se não quiser repetir os mesmos equívocos da avaliação tradicional, terá de buscar novas posturas, novas estratégias de engajamento no contexto mesmo da docência e da aprendizagem e aí redimensionar suas práticas de avaliar a aprendizagem e sua própria atuação (SILVA, 2006, p.23)

A avaliação mediadora online visa ao aperfeiçoamento do processo de aprendizagem, tendo o aluno também como sujeito desse processo. O aluno é também produtor e desenvolvedor de conteúdo. Para isso, ele precisará ser motivado e acompanhado. A partir de feedbacks constantes e troca de ideias, ele se tornará agente de seu próprio conhecimento. Isso vem reforçar ainda mais o papel da escola e da universidade: formar pessoas para a vida.

CONCLUSÃO

A avaliação é uma síntese organizadora do processo vivido pelo aluno. É também um processo interpretativo de dados quantitativos e qualitativos para fundamentar uma tomada de decisão. Se bem conduzida, evidencia a historização do processo de desenvolvimento do aluno. Pensada dessa forma, a avaliação contribui para subsidiar um processo de qualidade na EAD, uma vez que somente as TIC's não são garantia de aprendizagem e formação das pessoas envolvidas. Nossa reflexão sobre uma avaliação mediadora online culminou com indicações de instrumentos avaliativos que permitam uma prática avaliativa cotidiana: passando pela confecção de portfólios e sínteses colaborativas de aprendizagens pelos alunos, e por atividades supervisionadas vinculadas à pesquisa e ao trabalho de campo. Utilizando as tecnologias como meio, buscou encurtar distâncias, mediando online interações aluno-aluno, aluno-professor, aluno-material. Temos um grande desafio: superar a avaliação tradicional que persiste em nossos programas em EAD e investir em tecnologia e em pessoas, para que a avaliação online supere a mera adaptação da tecnicista e antiga avaliação convencional. Que os cursos de Teologia e Ciências das Religiões não caiam no reducionismo de produção de diplomas e certificados para o ensino superior sem qualidade, mas que contribuam para uma massa reflexiva, formada criticamente e formadora de opinião.

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ MÉNDEZ, Juan Manuel. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

ARETIO, Lorenzo García. “Evaluación de los aprendizajes”. In: _____. (coord.). **Estudios de Educación a distancia: La educación a distancia y la Uned**. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, s.n., 1996, p. 359-411.

ASMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BLOOM, Benjamin et al. **Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar**. São Paulo: Pioneira, 1971.

BARROS, Ivônio Nunes. “Noções de educação a distância”. In: **Revista Educação a Distância**. n. 4/5, Brasília: INEAD, dez.-abr., 1994, p. 7-25.

CORTELAZZO, Iolanda. B. C. **Prática pedagógica, aprendizagem e avaliação em educação a distância**. Curitiba: Ibplex, 2009.

DEMO, Pedro. **Ser professor é cuidar para que o aluno aprenda**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

_____, **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

FERNANDES, Domingos. **Avaliação das aprendizagens: uma agenda, muitos desafios**. Lisboa: Texto, 2004.

FORMIGA, Marcos e LITTO, Fredric. **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GIUSTA, Agnelo e FRANCO, Iara. (Orgs.). **Educação a distância: uma articulação entre a teoria e a prática**. Belo Horizonte: PUC Minas/PUC Minas Virtual, 2002.

GÓMEZ, Angel Pérez. “O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo”. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997, p. 93-114.

GUBA, Egon; LINCOLN, Yvonna. **Fourth generation evaluation**. London: Sage, 1989.

GUTIERREZ, Feliciano L. **Organización pedagógica: de la enseñanza y el aprendizaje**. La Paz: G.G., 2003.

HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha

HOFFMANN, Jussara. “O cenário da avaliação no ensino de Ciências, História e Geografia”. In: SILVA, J. F.; HOFFMANN, J.; ESTEBAN, M. T. (Orgs.). **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÍVIO, Giovanni. (Org.). **Campus On-line: por uma aprendizagem interativa**. Vila Velha: Esab, 2010.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação – da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

PESCE, Luscila. “EAD: Antes e depois da cibercultura”. In: **Salto para o Futuro**. Ano XXI, Boletim 3, abril. Rio de Janeiro: TV Escola; MEC, 2011, p. 10-15.

POPHAM, William James. **Manual de avaliação: regras práticas para o avaliador educacional**. Petrópolis: Vozes, 1977.

PRIMO, Lanevalda Pereira Correia de Araújo. **Metodologia para acompanhamento de cursos de ead e avaliação de competências A² COMP**. Fortaleza: UNIFOR, 2004 [dissertação de mestrado].

SAUL, Ana Maria. **Avaliação emancipatória: desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

SANTOS, Edméa. “Cibercultura: o que muda na educação”. In: **Salto para o Futuro**. Ano XXI, Boletim 3, abril. Rio de Janeiro: TV Escola; MEC, 2011, p. 5-9.

SILVA, M. “O fundamento comunicacional da avaliação da aprendizagem na sala de aula online” In: SILVA, M.; SANTOS, E. (Orgs.). **Avaliação da Aprendizagem em Educação Online**. São Paulo: Loyola, 2006.

SOUZA, Alba Regina Battisti; SARTORI, Ademilde Silveira; ROESLER, Jucimara. “Mediação pedagógica na educação a distância: entre enunciados teóricos e práticas construídas”. In: **Revista Diálogo Educacional**, v. 8, n. 24, mai.-ago., 2008.

SUHR, Inge Renate Fröse. **Processo avaliativo no ensino superior**. Curitiba: Ibpx, 2008.

TORI, Romero **Educação sem Distâncias: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem**. São Paulo: Senac, 2010.

_____. “Métricas para uma Educação sem distância”. In: **Revista Brasileira de Informática na Educação**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, 2002, p. 9-19.

_____. **Avaliando distâncias na educação**. Disponível em <http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=183&sid=102&User>. Acesso em maio de 2013.

VALENTE, José Armando. “Diferentes abordagens na educação a distância”. In: **Série informática na educação**. TV Escola, 1999. Disponível em: <http://www.proinfo.gov.br>. Acesso em maio de 2013.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Avaliação**: concepção dialética – libertadora – do processo de avaliação escolar. 4. ed. São Paulo, 1994.

ZACHARIAS, V. L. C. F. **Avaliação formativa**. Disponível <http://www.centrorefeducacional.pro.br/avaforma.htm>. Acesso em maio 2013.

ZANELATO, Ana Paula Ambrósio “A avaliação no ensino a distância”. In: **ETIC – Encontro de iniciação científica**. Vol. 5, N. 5, 2009, p. 1-11.
<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/view/2138/2331>. Acesso em abril 2013.